

Baader-Meinhof

“O Grupo Baader-Meinhof”, filme alemão em cartaz na cidade, retrata a trajetória de um grupo terrorista na Alemanha do final dos anos 60/início dos anos 70. Formado por jovens da primeira geração alemã pós-Hitler, surge do impulso desta geração de protestar e agir contra a Guerra do Vietnã, as ditaduras da América Latina, a miséria dos países de Terceiro Mundo e a libertação da Palestina. Como diz uma das protagonistas a seus pais: “Não seremos como vocês, que fecharam os olhos a tudo o que acontecia”, referindo-se ao Holocausto. Em meados dos anos 60, um estudante é morto pela polícia numa manifestação – pacífica – de estudantes durante uma visita do então xá da Pérsia à Alemanha. Este assassinato impulsiona Andreas Baader e sua namorada Gudrun Esslin a formar um grupo armado chamado RAF (sigla para “Roote Armee Fraktion”, em português, “Facção Exército Vermelho”). Tempos depois, com a entrada da jornalista Ulrike Meinhof, o grupo ficaria conhecido como “Baader-Meinhof”. Tendo, inicialmente, suas ações voltadas para as questões de miséria e desigualdade no mundo todo, o grupo vai subindo o tom da violência de seus atos na medida em que cresce a intensidade da violência e da perseguição policial. Os objetivos iniciais ficam cada vez mais difusos e perdidos, permanecendo apenas uma luta selvagem por defesa e sobrevivência. Após causar centenas de mortes com suas ações, e sofrer intensos maus-tratos e isolamento, os principais líderes do grupo cometem suicídio na prisão. Chama a atenção, em meio à história, o personagem do chefe de polícia Horst Herold, interpretado pelo ator Bruno Ganz: incumbido de perseguir e capturar o grupo, o policial esforça-se por entender sua lógica e localizar os motivos de suas ações. Diz, em determinado momento, a seus pares no Conselho de Defesa: “Nós produzimos suas ações com nossa ignorância. Que sabemos nós da Guerra do Vietnã? Que sabemos do terceiro mundo, ou das ditaduras na América Latina? Não sabemos do que eles falam, e isto produz sua violência”.

André Green, no livro “Narcisismo de Vida, narcisismo de morte”, aponta que na primeira teoria pulsional freudiana o inconsciente não tem qualquer representação da morte. A angústia da morte é, então, considerada apenas como um deslocamento da angústia de castração, o que equivale a dizer que o temor do homem não seria morrer – não podemos temer o que não está representado – mas sim não ter mais a possibilidade de prazer sexual. Nesta linha de raciocínio, a ação destrutiva não estaria ligada a um puro impulso de destruição, mas sim a combater a impossibilidade ou restrição do prazer sexual. A conceitualização da pulsão de morte, que é o ápice das mudanças teóricas iniciadas por Freud em 1920, marca uma posição oposta: o impulso destrutivo existe independente de qualquer função ligadora ou busca de prazer, como uma tendência que leva o sujeito de volta a um estado de não-existência. Green salienta que Freud não abandona a primeira posição pela segunda, mas acrescenta uma à outra, tratando de tornar mais elaborado e complexo o edifício teórico que construiu – o que sempre foi próprio de Freud. A partir destas considerações teóricas de André Green, propomos as seguintes questões: o que está implicado nas ações de grupos como o Baader-Meinhof? Quanto de combate à restrição, ao estreitamento das possibilidades de vida – representada pela luta contra a miséria e a opressão – e quanto de pura ação destrutiva? E, por outro lado, o que está implicado nas ações contrárias a tais grupos? Silenciar e negar as razões de uma reação violenta é também uma violência? Onde termina o impulso de renovação, de criação de um novo estado de coisas, e onde inicia o puro impulso destrutivo, a pura pulsão de morte?

Luciana Maccari Lara

Psicóloga e psicanalista – membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica